



Gustavo Victorino

ENTRE OS MELHORES DO MUNDO

O crescimento constante, a evolução técnica e logística, as atrações cada vez melhores e o significativo aumento de público fizeram do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras um dos encontros mais importantes do mundo. Já reconhecido internacionalmente pela imprensa especializada, é impossível falar de eventos deste segmento sem citar o festival brasileiro como um dos mais bem organizados e freqüentados do planeta. O trabalho desenvolvido pela prefeitura de Rio das Ostras em parceria com a Azul Produções, do genial Stênio Mattos, colocou a pequena cidade do progressista e rico litoral norte do estado do Rio de Janeiro no mapa mundial dos grandes espetáculos e criou o mais impressionante público musical do país.

PÚBLICO ÚNICO

Definir as dezenas de milhares de pessoas que freqüentam os três palcos do Rio das Ostras Jazz & Blues é como tentar explicar a teoria da relatividade sem números. É preciso ver para crer e entender. Por força do festival,

a outrora pequena vila de pescadores adquiriu uma cultura musical que influi diretamente nos milhares de visitantes que freqüentam a cidade durante o evento.

Como explicar que pessoas humildes e de formação cultural limitada possam consumir discos de Herbie Hancock, John Mayal, Egberto Gismonti, Leny Andrade, Ruben Ford e outros que sequer são reconhecidos como deveriam nas grandes capitais brasileiras? A cultura musical de Rio das Ostras é única e derruba de forma definitiva a hipocrisia do mercado que insiste na tese de que algo para ser popular precisa ser ruim ou simplório.

O PERSONAGEM

Na cobertura da **Backstage**, feita por Osiel e Ernani, vocês vão encontrar todas as informações do evento que mais uma vez superou as expectativas. Mas, entre as dezenas de artistas e convidados da festa, um em especial se destacou pela alegria, simplicidade e genialidade: o baterista Bernard Purdie arrasou no evento. Ele visivelmente se mostra desconfortável com o título de maior baterista do mundo, mas a “babação” dos artistas em torno dele deixa evidente que o recorde mundial em gravações é quase um Deus em seu instrumento e a relação de estrelas que o requisitaram e ainda o requisitam é quilométrica. É mais fácil perguntar a ele com quem ainda não gravou. De Madona aos Beatles, passando por Michael Jackson, Eric Clapton e outros megastars, todos são unânimes em afirmar que a compe-

tência desse negro setentão de Louisiana é única. Não bastasse isso, a simplicidade e a alegria que ele demonstrou pelos corredores do evento e do hotel onde se concentram os artistas e jornalistas era contagiante. Sempre uma piada pronta, um sorriso largo, um afago e uma infundável disposição para fotos e autógrafos. Tocando com os Godfathers of Groove ao lado de Ruben Wilson (órgão Hammond), Grand Green Jr. (guitarra) e o brasileiro Léo Gandelman (sax) ele “parou” o festival com a correria dos artistas saindo dos bastidores para assisti-lo. No meio do show, em pleno solo, Will Calhoun, ex-baterista do Living Colour, invadiu o palco e se abraçou ao mestre em sinal de reverência incontida ao genial baterista. Bernard Purdie foi disparado o personagem e o melhor show do evento.

BOLA FORA

Parecia impossível alguém destoar do clima fraternal e irretocável do festival. Mas um personagem insignificante conseguiu. Constrangendo toda a equipe de produção do evento, o empresário e produtor de John Mayal, surpreendentemente exigiu a retirada de toda a imprensa da área lateral do palco durante o show do artista, contrariando o próprio Mayal, que depois se mostrou irritado ao saber da iniciativa. A atitude destoou da postura do artista que convidou o guitarrista brasileiro Big Joe Manfra a participar do seu show. Não bastasse isso, Mayal fez questão de vender e autografar pessoalmente os seus CDs em

um pequeno estande montado por ele mesmo para ter um contato mais direto com o público. Coisa rara em se tratando de alguém com a história dele. Ficou a certeza de que o bluseiro inglês merece um produtor melhor.

CIVILIDADE

Enquanto nosso país vive o caos da segurança pública, o número de ocorrências durante o Rio das Ostras Jazz & Blues é inacreditável em se tratando de aglomerações diárias com milhares de pessoas. Não fosse por meia dúzia de bêbados que insistem em terminar a noite dormindo na praia, a polícia não teria qualquer trabalho com um público, cuja faixa etária vai de 15 a 80 anos, e interage de forma surpreendente com os espetáculos.

PREÇO DO SUCESSO

O que parecia impossível começa a dar sinais de inevitável. O evento cresceu tanto que já falta espaço até na cidade do jazz. O palco da Costa Azul tem capacidade para receber 15.000 pessoas com conforto. E até ele já está pequeno. Hotéis, restaurantes, pousadas, tudo lota e a frequência tende a aumentar ano a ano. A busca pelas belezas naturais que compõem os cenários dos espetáculos torna complicada a solução desse impasse. Mas cá entre nós, é um belo “problema”, né ???

BASTIDORES

Um evento como esse não aconteceria sem uma retaguarda competente e um

planejamento profissional de alto nível. O empresário número um do jazz e do blues no país, Stênio Mattos, tem na equipe da sua Azul Produções a explicação para o sucesso. O incansável Manfra, as duas Andréas, Geribal, Herbert, Jefferson, Kleber e mais uma dúzia de profissionais fizeram de um evento complexo uma aula de competência e seriedade. Ponto para o Têê.

MATEMÁTICA DEVASTADORA

“Para assistir a shows como esses eu e minha esposa precisaríamos de mais de mil reais apenas em ingressos. Com menos da metade disso, passo um final de semana em um paraíso, bem hospedado e ainda levo mil histórias e fotos para lembrar”. A frase me foi dita por um engenheiro mineiro ao lado de sua esposa justificando a gratuidade de todos os espetáculos e a inevitável comparação com o custo de shows desse nível para o público das grandes cidades brasileiras. Algumas pessoas parecem ter entendido a expressão “imperdível” usada aqui por este escriba.

COOL JAZZ

A exemplo do que aconteceu no ano passado, um show intimista serviu mais uma vez para testar a concentração do público. Os gaúchos da banda Delicatessen deixaram em silêncio mais de 7.000 pessoas com seu som suave e envolvente. O excelente instrumental e a bela voz da cantora Ana Krüger provocaram olhares de aprovação até entre os gringos.

DOS E-MAILS

“Alguns sites andam disponibilizando programas de edição de áudio gratuitos, mas nos obrigam a comprar os plug-ins para funcionarem”. (Geraldo Menezes – Curitiba PR)

Isso que você enfrenta é a mais absoluta picaretagem que começa a se disseminar pela rede. Oferecem programas “gratuitos” de toda espécie, e, no seu caso, para editar áudio, mas na verdade eles nada mais são do que espelhos para inserção de plug-ins vendidos separadamente, e sempre caros. Antes de baixar e instalar um programa, verifique se ele faz parte dessa sacanagem que começa a tomar conta da net. Até grandes empresas de software andam aplicando essa em consumidores. Basta dar uma navegada para ver.

“Por que não temos mais feiras ou amostras de instrumentos no Brasil? As lojas dificilmente têm toda a linha de produtos de algumas marcas e muitas vezes coisas boas sequer são importadas”.

(Benício Abrenizzé – São Paulo SP)

Se você, como morador de São Paulo, a principal cidade do país, percebe isso, imagine a situação de outros músicos que moram em cidades menores, em estados mais distantes da região sudeste. Concordo com sua afirmativa e acho que os importadores e fabricantes deveriam investir mais em promoção e divulgação dos seus produtos em um país continente como o nosso. Olhar apenas para Rio de Janeiro e São Paulo significa desprezo por mais de 60% do mercado consumidor brasileiro.